

OS ROSTOS E CORPOS QUE SE PODEM VER: REFLEXÕES SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS E O NEOLIBERALISMO

Mariana do Vale Moura ¹
Miriã Nunes Porto Lima ²
Ana Paula Btedini Brandão³

RESUMO

Os Movimentos Sociais são o tema escolhido para o presente artigo, o nosso objetivo é realizar uma reflexão inicial sobre o que são os Movimentos Sociais e como estão relacionados com as características atuais da sociedade capitalista, mais especificamente com o neoliberalismo. Adotamos uma perspectiva crítica aliada ao método do Materialismo Histórico Dialético para refletir criticamente sobre o tema e os demais elementos constitutivos do trabalho. Para tanto realizamos uma pesquisa com abordagem qualitativa por meio da pesquisa bibliográfica que contou com autores que se dedicam a área para formar o arcabouço teórico ao qual nos dedicamos. Por fim, acreditamos que após a reflexão crítica sobre o tema chegamos a conclusão de que é necessário que os Movimentos Sociais façam resistência contra os ataques neoliberais, sendo que são essenciais para a transformação da realidade.

Palavras-chave: Movimentos Sociais, Neoliberalismo, Resistência.

INTRODUÇÃO

Ay qué incómoda a veces
te siento conmigo, vencedor entre los hombre
Porque no sabes que conmigo vencieron
miles de rostros que no pueren ver
miles de pies y pechos que marcharon conmigo.
que no soy. que no existo.
que sólo soy la frente de los que van conmigo.
que soy más fuerte porque llevo en mí
no mi pequeña vida sino todas las vidas.
y ando seguro hacia adelante
porque tengo mil ojos.
golpeo con peso de piedra
porque tengo mil manos y mi voz oye en las
orillas de todas las tierras porque es la voz de
todos los que no hablaron de los que no cantaron
y cantan hoy con esta boca que a ti te besa.

¹ Doutoranda em Educação PPGE – FE – Universidade Federal de Goiás – UFG, nanavmoura@gmail.com;

² Mestranda em Educação PPGE – FE – Universidade Federal de Goiás – UFG, mirianunesporto@gmail.com;

³ Pedagoga e especializanda em Psicologia dos processos educacionais – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Goiás – UFG, anabtedini@gmail.com

(Las vidas, Pablo Neruda)

Os Movimentos Sociais são mil vozes, mil rostos, mil mãos, mil pernas, mil corpos, mil sentimentos e sentidos, que formados por homens e mulheres, adultos e crianças, idosos e jovens, marcham juntos para que mudanças aconteçam na sociedade de maneira geral e na realidade local desse grupo de pessoas. Grupo de seres humanos que coletivamente se unem para falar, lutar e agir por todos os que não falaram, por todos os que não puderam cantar.

Não existe Movimentos Sociais sem luta, sem algo para ser mudado, sem objetivo. Pode até ser que não sejam mil, que sejam menos, mas são pessoas que reivindicam algo melhor. Essas pessoas são presente, são passado e são futuro, mas são também a história de outras pessoas que contribuíram para que o presente fosse possível.

Neruda falou certo, são vidas, não é um só, não somos um só, somos compostos de todos que vieram antes de nós e que virão depois de nós. Os Movimentos Sociais não são feitos só do agora, mas de toda a história que o precedeu e de toda história que foi criada por ele. Esses movimentos não surgem do nada, são frutos de incômodos coletivos que levaram um grupo de pessoas a agir e a reivindicar algo.

Refletir sobre o conceito de Movimentos Sociais é entender que é algo complexo, em que deve ser levados em conta inúmeros elementos sociais, históricos, econômicos, materiais e subjetivos que o compõem. Sendo assim, o objetivo do presente artigo é realizar uma reflexão inicial sobre o que são os Movimentos Sociais e como estão relacionados com as características atuais da sociedade capitalista, mais especificamente com o neoliberalismo. Adotamos uma perspectiva crítica aliada ao método do Materialismo Histórico Dialético para pensar os conceitos principais do artigo, que são os Movimentos Sociais e o neoliberalismo. A metodologia escolhida foi a da pesquisa com abordagem qualitativa por meio da pesquisa bibliográfica que se valeu dos autores da área para entender os conceitos que estão sendo discutidos no artigo.

Movimentos sociais: aproximações e compreensões

Diferentes pensadores compreendem o conceito de Movimentos Sociais distintamente, seguindo variadas abordagens epistemológicas, sejam elas positivistas, fenomenológicas, materialistas. Grande parte dos pesquisadores se fiam ao campo da sociologia para explicar o que são os esses movimentos, quais são seus objetivos, suas forças e motivações.

Alonso (2009) afirma que desde 1930 as teorias clássicas dos movimentos sociais já tentavam explicar e compreender os movimentos pela ótica da sociologia, tendo como teorias fundamentais: a Teoria de Mobilização de Recursos; a Teoria do Processo Político; a Teoria dos Novos Movimentos Sociais. Porém, a autora afirma que o século XXI trouxe novos problemas que as teorias clássicas não conseguiam lidar completamente, como o ativismo nacional e global, a globalização, diversidade e profundidade de temas, o Estado deixando de ser o alvo principal dando lugar a multinacionais, entre outros motivos.

As mudanças na sociedade do século XXI demandaram novas explicações, recriações e reinvenções das teorias clássicas para compreensão da sociedade. Seone, Taddei e Algrati afirmam que as teorias dos Movimentos Sociais tem alguns elementos em comum, que

remiten a la dinámica de un grupo social que formula ciertas reivindicaciones propias y significativas socialmente; guarda ciertos marcos de solidaridad, relaciones o identidad común; cuenta con ciertas redes o marcos organizacionales; y plantea ciertos cuestionamientos o conflictos respecto del marco societal donde actúa. (SEONE; TADDEI; ALGRANATI, 2009, p. 3)

Ou seja, os Movimentos Sociais apesar das mudanças na sociedade do século XXI possuem algumas características que o tornam um movimento social e não apenas a reunião de pessoas. Essas características são importantes porque nos ajudam a compreender que os movimentos sociais são formados a partir de aspectos em comum, sejam eles reivindicações, solidariedade, identidade, questionamento de algum aspecto da sociedade ou da ordem dominante.

A partir da década de 1990 com o avanço do processo de globalização, da internet e das tecnologias digitais o que antes seria apenas um movimento local de reivindicação, poderia se tornar um movimento nacional ou internacional. Houve uma ampliação na difusão e no acesso da informação, o que pode ser positivo ou negativo para os movimentos sociais.

Positivo no sentido de aumentar a quantidade de pessoas envolvidas e a força identitária que unem as pessoas desses movimentos. Negativo no sentido de aumentar o controle e as possíveis repressões por parte do Estado, já que se a mobilização pode ser feita pela internet, ela pode ser facilmente rastreável e combatida pelos serviços de inteligência nacionais e internacionais.

Talvez, a realidade de mobilização pela internet seja restrita a um grupo pequeno da população internacional. Não podemos falar que a salvação dos movimentos sociais é a internet

já que nem todos têm acesso à ela e já que pode ser realizado um forte controle das ações, falas, pesquisas, dos encontros desses movimentos sociais.

Um bom exemplo do uso da internet são os movimentos sociais que insurgiram principalmente no Oriente Médio, que ficaram conhecidos como Primavera Árabe. Grande parte das manifestações, reuniões e protestos foram agenciados pela internet. Porém, seria difícil pensar em uma mobilização grande e articulada pela internet do MST - Movimento Sem Terra, aqui no Brasil, já que é uma realidade nos assentamentos no campo a falta de estrutura básica, como energia, saneamento básico, alimentação e acesso a internet. Sendo assim, deve haver um cuidado na explicação e na compreensão dos movimentos sociais a partir da internet, já que os usos e os acessos à internet são distintos em cada lugar.

Não obstante, Barker (2014) nos alerta também para a forma como analisamos e compreendemos os movimentos sociais. O autor afirma que

Os movimentos sociais tem sido frequentemente definidos como entidades múltiplas e relativamente isoladas: o “movimento sindical”, o “movimento das mulheres”, o “movimento de gays e lésbicas”, o “movimento pacifista”, etc. Este modo de pensar os movimentos como relativamente “fatiados” frequentemente vem junto com uma política fatiada, focalizada na obtenção de reformas parciais específicas (BARKER, 2014, p. 8)

O fatiar dos movimentos e das políticas é uma forma de enfraquecer as reverberações desses movimentos. O MST não diz respeito apenas a luta pela terra de algumas famílias assentadas, mas diz respeito a todo um sistema patriarcal e medieval de distribuição da terra para poucas e ricas famílias, diz respeito a uma reforma agrária que pode mexer com a estrutura política e econômica de todo um país, entre muitos outros elementos.

Se a luta do MST for fatiada para que se torne, aparentemente, dar a terra a algumas famílias que não tem terra, estamos restringindo todo o potencial transformador da sociedade que esse movimento possui. Se colocarmos a luta das mulheres apenas como uma questão isolada de um grupo de pessoas, estamos deixando de lado todos as questões que essa luta envolve como a resistência ao patriarcado, aos direitos iguais, a luta contra o feminicídio e contra a violência contra a mulher.

Não podemos incorrer ao erro de fatiar os movimentos para que seja um motivo de não envolvimento e de julgamento “não me importa a luta do MST, eu não sou sem terra”, “não me importa a luta da mulher, elas já tem o que merecem”, “não me importa a luta dos negros, eu não sou negro”. A luta é de todos. Os movimentos sociais podem afetar toda a sociedade se

considerados como um todo, já que suas reivindicações em geral mexem com a estrutura da sociedade. Retomando o ponto de vista de Barker, podemos acrescentar à discussão que

Considerado como um “todo”, um movimento social pode ser qualquer coisa menos uma entidade homogênea. A imagem de uma “rede” é mais adequada do que a de uma “organização”. (DIANI, 1992). Assim como uma renda, redes de movimentos podem ter múltiplos padrões; elas consistem em diversos agrupamentos, organizações, indivíduos e assim por diante, entrelaçados de maneira variada em relações de cooperação e (algumas vezes) de antagonismo (BARKER, 2014, p. 89)

O movimento social deve ser considerado, portanto, como um todo, que é heterogêneo, diverso, que pode estar em luta por uma pauta, mas não pode ser considerado como uma fatia, uma parte da sociedade menos importante para ser ouvida ou para ser subsumida por temas mais importantes.

Voltando ao poema de Neruda “Porque no sabes que conmigo vencieron. miles de rostros que no puede ver. miles de pies y pechos que marcharon conmigo. que no soy. que no existo. que sólo soy la frente de los que van conmigo. que soy más fuerte porque llevo en mí no mi pequeña vida sino todas las vidas”. Neruda não falava de movimentos sociais, essa é a nossa interpretação do autor. Temos que olhar para os movimentos sociais como vidas, vidas que não foram vistas, mas que ajudaram a construir nossas lutas e esperanças. Vidas que estão no plural, ou seja, são um coletivo e não um indivíduo. Não é possível pensar em Movimentos Sociais sem pensar na história, na historicidade, no presente e no futuro de tantas e todas as vidas que se passaram para que o movimento fosse formado.

Scherer-Warren nos dá elementos para pensar os Movimentos Sociais como um todo e como vidas. A autora analisa os

movimentos sociais a partir da natureza de sua ação para transformação, da natureza da sua dinâmica (ou seja, de sua práxis); de sua proposta de transformação (seu projeto); dos princípios que orientam esta proposta (sua ideologia); e dos condutores do movimento (sua direção ou organização) (SCHERER-WARREN, 1987, p. 13)

Ou seja, a autora afirma que um movimento social é constituído por uma práxis, por um projeto, por uma ideologia e por uma organização. Scherer-Warren defende que esses conceitos são essenciais para a formação, manutenção e longevidade dos movimentos sociais. A práxis diz sobre a ação para a transformação, pela relação indissociável entre teoria e prática. O projeto indica os objetivos, sobre o que se “quer” e sobre o “porquê” transformar com as ações do

movimento social. A ideologia aponta quais os princípios que orientam e sustentam esse grupo. E, por fim, a direção ou organização diz respeito às formas de organização e liderança do movimento.

Definirei, assim, Movimentos Sociais como uma ação grupal para a transformação (práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção). (SCHERER-WARREN, 1987, p. 20)

Sendo assim, os Movimentos Sociais não são apenas um agrupamento de pessoas, sem propósitos e com vontade de tumultuar, que pode ser o pensamento do senso comum sobre o tema. Os Movimentos Sociais buscam a transformação e estão unidos por um objetivo comum que varia de acordo com cada grupo e com cada proposta. Porém, os Movimentos Sociais, como dito anteriormente, precisam se ajustar e se reorganizar devidos às transformações do século XXI acarretadas pelo avanço do capitalismo, mais especificamente do neoliberalismo.

Os movimentos sociais e o neoliberalismo

Poderia surgir algum questionamento entre a forma e como o neoliberalismo e os movimentos sociais estão relacionados. Porém, esse questionamento só faz sentido se o olhar para esses elementos for fatiado, for fragmentado. O neoliberalismo é como um organismo que alimenta, sustenta, modifica a sociedade em sua forma capitalista. E, sendo assim, afeta todas as esferas da sociedade: a política, cultura, a economia, a educação, a saúde, a cidadania, a história, o Estado, o ser humano.

com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a *forma da nossa existência*, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da “modernidade”. Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo de mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa (DARDOT; LAVAL, 2014, p. 14)

O neoliberalismo muda a forma como somos e como estamos no mundo, o que reflete diretamente nos movimentos sociais. Contra o que fala Neruda em *Las vidas*, o neoliberalismo faz com sejamos vida, um só, indivíduo único, autocentrado, sem passado, mas com presente.

Ser um é enfraquecer o coletivo, portanto, é enfraquecer os movimentos sociais. No neoliberalismo somos todos coisas, somos todos mercadoria.

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz, necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades - se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação - não altera nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência [*Lebensmittel*], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, com meio de produção. (MARX, 2017, p.113)

No neoliberalismo somos todos mercadoria, na medida em que não nos reconhecimentos no produto dos nosso trabalho, na medida em que vendemos arbitrariamente nossa força de trabalho, na medida em que nos tornamos coisas, em que as relações sociais se tornam menos importantes que os produtos materiais. No neoliberalismo as relações sociais são coisificadas, são mercadorias. Houtart afirma que na sociedade capitalista “a mercantilização domina a quase totalidade das relações sociais, em campos cada vez mais numerosos como o da saúde, da educação, da cultura, do esporte ou da religião” (HOUTART, 2006, 423). O autor indica que

Começou a fase neoliberal do desenvolvimento do capitalismo chamada também de Consenso de Washington. Está estratégia se traduziu em uma dupla ofensiva, contra o trabalho (diminuição do salário real, desregulação, deslocalização) e contra o Estado (privatizações). (...) O resultado é que agora todos os grupos humanos, sem exceção, estão submetidos à lei do valor, não somente a classe operária assalariada (subsunção real), mas também os povos nativos, as mulheres, os setores informais, os pequenos camponeses, sob outros mecanismos, financeiros, - preço das matérias-primas ou dos produtos agrícolas, serviço de dívida externa, paraísos fiscais, etc. - ou jurídicos - as normas do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (BM) e da Organização Mundial do Comércio (OMC) -, tudo isso significando uma subsunção formal (HOUTART, 2006, p. 422)

Toda a estrutura neoliberal reverbera na forma como o Estado, a sociedade, os governos, os organismos multilaterais se relacionam entre si e com as políticas nacionais e internacionais para a economia, saúde, educação e assim por diante. A classe dominante estabelece o que é prioridade para ela e para as classes dominadas, gerando grandes processos de desigualdades sociais e econômicas.

Sendo que, é a partir dessas desigualdades que são geradas insatisfações que fazem com que coletivamente os sujeitos se mobilizem em prol da transformação da sociedade, é aí que começam e que surgem os diferentes papéis e pautas dos Movimentos Sociais.

as convicções burguesas sobre a economia, a sociedade, o Estado, exercem uma influência “imensamente dominante”. A classe capitalista dispõe da imprensa escrita e da televisão (...) Dividir, anestésiar e doutrinar são os três eixos da dominação contemporânea. As mensagens emitidas através da publicidade, dos jogos, dos comentários sobre a atualidade impõem uma temática de extrema simplicidade (...) A liberdade reclamada, proclamada e praticada corresponde aos interesses dos empreendedores, que não devem ser perturbados pelos direitos sociais, pela existência de serviços públicos “monopolistas”, pela intervenção do Estado destinada a assegurar um mínimo interesse geral (...) A flexibilização, a redução do direito de greve, a privatização, a mercantilização do máximo de bens, a limitação do Estado à manutenção da ordem e ao apoio às grandes forças econômicas se referem a esse valor central, a liberdade (MOURIAUX, 2007, p. 94)

O neoliberalismo surge para fortalecer a economia capitalista. As premissas do neoliberalismo estão em todas as partes, nas políticas públicas, nos meios de comunicação, no trabalho, nos empregos, nas relações sociais. O neoliberalismo introduziu uma nova forma de relação entre Estado e mercado porque ao tornar o Estado mínimo faz com o mercado possa se desenvolver sem amarras. Quanto menor o Estado, maiores são as possibilidades de liberdade de mercado e de comércio.

Algumas instituições são responsáveis a nível global por difundirem os ideais neoliberais, como o Banco Mundial (BM), UNESCO, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), entre outros. Esses agentes impuseram os ideais neoliberais de competição, consumo desenfreado, individualismo, mercantilizando as relações sociais e formando cada vez mais trabalhadores alienados.

Os Movimentos Sociais têm um enorme desafio pela frente ao enfrentar a sociedade capitalista neoliberal porque ela muda a forma como os sujeitos se percebem e se colocam no mundo, muda a subjetividade impregnando-a com ideais individualistas, de mercantilização de tudo e de todos, e de competitividade. Esses ideais são o oposto do que os movimentos sociais precisam para se constituírem e para se manterem.

Por esses motivos os movimentos sociais precisam ter muita clareza sobre sua práxis, seu projeto, sua ideologia e sua direção conforme defendido por Scherer-Warren (1987). Essa clareza pode assegurar a manutenção no tempo histórico desses movimentos, já que a força neoliberal é gigantesca e assume diferentes formas e estratégias - o neoliberalismo está presente nas políticas públicas, nos meios de comunicação, na economia, nas relações de trabalho e sociais, nos livros, na internet, nas diretrizes dos organismos multinacionais, etc.

Considerações finais

Embora o cenário seja francamente desfavorável à realização das pautas de luta dos movimentos sociais de um modo geral, permanecer na trincheira é a única alternativa que é dada, historicamente, aos trabalhadores que apesar de submetidos à dominação de classes no poder, mantêm a capacidade inalienável de realizar o combate contra os mecanismos de subsunção do trabalho manual e intelectual, operadas pelo Estado e pelo Mercado na sociedade capitalista, fazendo a crítica radical que expõe, em última instância, a falácia do estado populista e da sociedade do conhecimento, como estratégias de tentativa de diluição a luta de classes (ROSAR, 2011, p. 160)

Permanecer na trincheira significa não deixar de lutar, não desistir, permanecer no campo de guerra. Rosar defende que mesmo com as dificuldades os movimentos sociais devem permanecer na luta contra as desigualdades e pela transformação da sociedade, mas essa luta não é cega, ela perpassa a crítica, a compreensão da sociedade como ela é. É necessário que haja a compreensão da sociedade e do modo de produção capitalista para que se lute contra eles, é preciso um processo de formação de consciência crítica por parte dos sujeitos integrantes de movimentos sociais.

Scherer-Warren defende que “a busca de libertação exige um agir ativo. Quando os grupos se organizam na busca de libertação, ou seja, para superar alguma forma de opressão e para atuar na produção de uma sociedade modificada, podemos falar na existência de um movimento social” (SCHERER-WARREN, 1987, p. 9). Ser e fazer parte de um movimento social exige força e resistência para lutar contra a opressão, para lutar contra a classe dominante.

Nessa medida, “resistência” torna-se palavra importante. Resistir é um exercício diário que se estabelece com a sociedade (por seu modo vida), com o governo (em negociações), com a cultura (fazendo com que os hábitos camponeses não morram) e com o próprio corpo (quando não se tem comida suficiente, ou um lugar para se abrigar do frio e da chuva como ocorre nos acampamentos) (RIBEIRO, 2012, p. 212)

Os movimentos sociais têm o desafio cotidiano de ser resistência. Ser resistência é difícil e exige sacrifícios que podem ir da falta de comida até a falta de escola. Sendo assim, é importante ter em mente sempre a ideia que nos transmitiu Neruda, somos vidas, não somos sozinhos, antes de nós tiveram muitos e depois de nós existirão muitos outros. Com o coletivo, com a solidariedade, com a esperança é possível manter um movimento social ativo e capaz de transformar a sociedade, o caminho não é fácil, mas é possível e a história conta muitas vitórias.

Referências

ALONSO, Angela. As Teorias dos Movimentos Sociais: Um Balanço do Debate. In.: **Lua Nova**, n. 76. São Paulo, p. 49-86, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a03.pdf>

BARKER, Colin. O movimento como um todo: ondas e crises. **Revista Outubro**, v. 22, 2014.

DARDOT, Pierre; CHRISTIAN, Laval. Introdução à edição Inglesa (2014) e A Refundação Intelectual (p. 13 – 70). **A nova razão do Mundo: Ensaios sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo. Boitempo, 2016.

HOUTART, François. Os movimentos sociais e a construção de um novo sujeito histórico. In.: **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. BORON, Atilio; AMADEO, Javier e GONZÁLEZ, Sabrina. São Paulo: Editora da CLASCO e Expressão popular. 2006.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro 1: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MOURIAUX, René. O movimento social europeu entre sucessos parciais e impotência. In.: **Crítica Marxista (UNICAMP)**, n. 26. 2008. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/sumario.php?id_revista=26&numero_revista=26

NERUDA, Pablo. **Los versos del capitán. Chile: Planeta**, 1997.

ROSAR, Maria de Fátima Felix. Educação e Movimentos Sociais: avanços e recuos entre o século XX e o século XXI. **Educação em Revista**, p. 145-162, 2011.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO: BANDEIRAS DE LUTA PARA UM MOVIMENTO SOCIAL/Education and training: symbols of struggle for social movements. Trabalho & Educação-ISSN 1516-9537**, v. 21, n. 3, p. 207-217, 2012.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos Sociais: um ensaio de interpretação sociológica**. Florianópolis: Editora UFSC, 1987.

SEOANE, José; TADDEI, Emilio Y ALGRANATI, Clara. **El Concepto “Movimiento Social” a la luz de los debates y la experiencia Latinoamericana recientes**. Universidad Nacional Autónoma De México. Instituto De Investigaciones Sociales. Enero 2009. Disponível em: http://conceptos.sociales.unam.mx/conceptos_final/500trabajo.pdf